

O objeto da pesquisa de Laura Maia de Figueiredo foi a *Bibliografia e Índice da Geologia do Brasil*, editada, a partir de 1943, pelo Departamento Nacional da Produção Mineral. Os dez volumes dessa bibliografia até agora publicados cobrem vários séculos de literatura geológica brasileira: 1641 a 1960.

Analisando essa literatura, encontrou-se Laura Maia de Figueiredo diante de duas grandes dificuldades: a referenciação de trabalhos não especificamente geológicos e a natureza onomástica do arranjo adotado pela referida *Bibliografia*. Tais dificuldades, entretanto, foram superadas por uma metodologia adequada ao objetivo da autora: verificar a ocorrência do fenômeno da dispersão (*scattering*) — pioneiramente estudado por S.C. Bradford — do princípio da *orden e frequência* das palavras num determinado texto e da *lei do menor esforço* (princípio analisado e lei estabelecida por G. K. Zipf).

Dessa verificação de interesse aparentemente apenas teórico, extraiu Laura Maia de Figueiredo conclusões práticas, expressas na recomendação de um mais eficiente controle bibliográfico da literatura geológica e de uma política racional de assinaturas de periódicos da mesma especialização.

Ilustradas com gráficos e tabelas, as duas dissertações evidenciam a importância da Estatística na Ciência da Informação. Não é por acaso que esta ciência nasceu da *Bibliometria*, palavra criada pelo belga Paul Otlet, em seu *Traité de Documentation* (1934) e não pelo inglês Alan Pritchard, como este o afirma em seu artigo “Statistical bibliography or bibliometrics?” (cf. *Journal of Documentation*, London, v. 25, n. 4, p. 348-349, December 1969).

Baseadas em revisões da literatura publicadas por este e outros autores ingleses — revisões nas quais não foram considerados os trabalhos dos verdadeiros pioneiros, publicados em língua francesa — Gilda Maria Braga e Laura Maia de Figueiredo incorrem na mesma injustiça, ao recordarem, nas introduções de seus trabalhos, as origens da Bibliometria. Este, aliás, é o único reparo que me ocorre fazer a suas dissertações: dois notáveis trabalhos de pesquisa que inauguram, no Brasil, os estudos bibliométricos.

EDSON NERY DA FONSECA

*Departamento de Biblioteconomia, Universidade de Brasília*

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis, Vozes, 1972. 178 p. (Coleção Meios de comunicação social. 6. Série Pesquisa, 1). Cr\$ 18,00

Não há outra maneira de os bibliotecários perceberem o ponto de integração de sua atividade com o contexto social senão estudando, conhecendo,

analisando e refletindo sobre a realidade objetiva, principalmente acerca daqueles aspectos concretos que justificam a existência das bibliotecas como instituições sociais.

Este livro de Ecléa Bosi, professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, tem, portanto, um grande valor para os bibliotecários brasileiros. Ao apresentar e discutir os diferentes conceitos sobre cultura de massa e cultura popular a autora nos faz ver que a importância dos meios de comunicação social não pode ser absolutamente desprezada a favor de uma visão elitista do processo cultural. Além disso, ela demonstra que as opiniões apoloéticas dos papas da comunicação muitas vezes não correspondem às conseqüências tão temíveis que teriam os *mass media* numa sociedade permissiva. Se as bibliotecas são uma parte do processo de comunicação social é mais do que evidente que nós, bibliotecários, precisamos conhecer as características e tendências desse processo. Na primeira parte deste livro encontraremos uma apresentação extremamente lúcida e concisa dos principais tópicos relativos à cultura de massa e à cultura popular.

Na segunda parte do livro, encontramos os resultados e a análise de um estudo realizado entre 52 operárias de uma fábrica da cidade de São Paulo, no ano de 1970. Além da apresentação tabular dos dados, Ecléa Bosi nos oferece a transcrição dos depoimentos ouvidos das operárias durante as entrevistas a que se submeteram, a fim de relatar suas experiências de leituras. Esses relatos nos trazem fragmentos das vidas, das esperanças e decepções dessas moças: “não leio, não imagino, trabalho muito” (p. 110); “não li, não lembro nenhum [livro]” (p. 111); “sabe que nunca li um livro” (p. 12). A estas respostas (38% do total), justificadas pela falta de tempo, de dinheiro, desinteresse, cansaço, vista doente, contrapõem-se outras, evidentemente, que relembram leituras recentes ou antigas: um livro escolar do curso primário, um livro de poesias, um folheto de cordel, Castro Alves, ou mesmo Érico Veríssimo.

A autora observou que 81% das entrevistadas lêem revistas, predominantemente as do tipo sentimental, 62% lêem livros, com predominância dos que veiculam conhecimentos, como educação sexual e afetiva, e 67% lêem jornais. “As vitrinas de boas livrarias que atraem os passantes nunca estão no caminho da fábrica: aí a operária encontra apenas as bancas de jornal e revistas cujo preço e cujo nível estão a seu alcance. Os livros são fenômeno saltuário e não cíclico [...]” (p. 144) “Apenas 29% compraram algum livro em toda a sua vida” (p. 147). Ecléa Bosi constata (p. 147-148) o baixo nível das chamadas “coleções” encadernadas, vendidas de porta em porta, por um preço bem acima do seu discutível valor.

As operárias foram solicitadas a indicar as obras que desejariam ler. As respostas demonstraram ser “ampla a esfera virtual de interesses das operárias [...] Começa pelo concreto, onde se exercem suas qualidades femi-

ninas (educação sexual e afetiva, enfermagem, puericultura, prendas domésticas, relações humanas, educação), mas não é alheia à filosofia, à literatura, à ciência” (p. 151). Isso nega a atitude daqueles que procuram subestimar as potencialidades culturais dos grupos operários e a quem certamente causaria indignação a afirmação de um mecânico de Rhône (França) citada por Bosi (p. 80, nota): “Não se pode prever, por exemplo, que nós não possamos gostar de Sartre. Eu, por exemplo, gosto muito de Sartre.”

A leitura deste livro é utilíssima, pois o conhecimento dos hábitos de leituras das diferentes comunidades é indispensável para a melhor organização dos acervos das bibliotecas, não apenas em função de uma visão estática do nível cultural momentâneo dos leitores, mas também com vistas ao enriquecimento de suas experiências culturais e estéticas. E o apelo final de Ecléa Bosi precisa ser ouvido pelos bibliotecários:

“Escrever é desvendar o mundo, ensina Sartre, e oferecê-lo como uma tarefa à generosidade do leitor. Desejamos que do trabalho se depreenda um objetivo. Esta pesquisa foi realizada na véspera, antes dos fatos, isto é, antes da formação de uma comunidade de leitores. Devemos trabalhar para a sua existência através da formação de bibliotecas de bairro, de paróquia, de fábrica.

Depois de descobrir carências, percebemos que elas nos comprometem. É preciso conhecer o problema de perto, tocar nos fatos. Mas isso não basta para que se fale em nome de alguém: devemos também enxergar de sua perspectiva a realidade.

Assumir uma visão operária do mundo é um exercício difícil, um limite que tentamos alcançar, um caminho a percorrer.”

ANTÔNIO AGENOR BRIQUET DE LEMOS  
*Departamento de Biblioteconomia, Universidade de Brasília*

CONGRESSO REGIONAL SOBRE DOCUMENTAÇÃO, 3.º Lima, 1971.  
*Anais do 3.º Congresso Regional sobre Documentação e 11.ª Reunião da FID/CLA*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1972. 491 p. (Federação Internacional de Documentação. Comissão Latino-Americana. Publicação especial, 5)

A realização dos congressos regionais de Documentação, patrocinados pela Comissão Latino-Americana da Federação Internacional de Documentação (FID/CLA), é um dos fatos que demonstram o vigor das atividades desenvolvidas pelos bibliotecários e documentalistas da região. Região em que os desníveis sociais e econômicos entre um e outro país não são óbice aparente à colaboração e à integração.